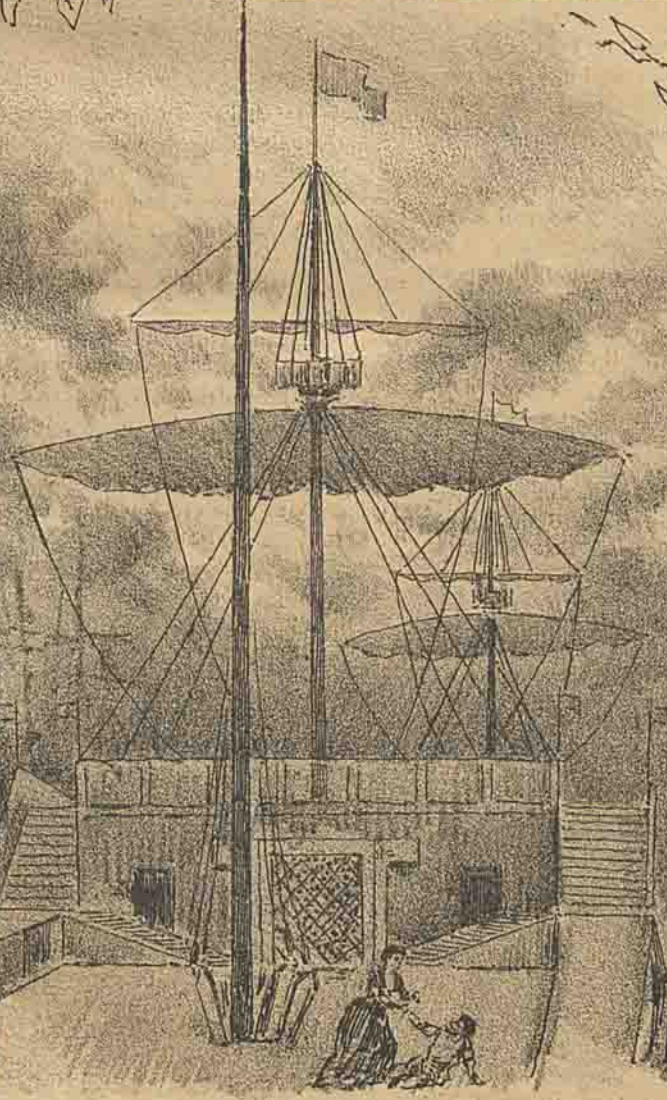


# THEATRO DE S. CARLOS

«OS DORIAS», DE AUGUSTO MACHADO



# IDORIA



FRANCO BOPALLOPIN



A representação dos *Dorias* foi para Lisboa bem mais de que um acontecimento musical, foi um acontecimento nacional.

Não são apenas os *dilettanti* que festejam esse notavel trabalho de Augusto Machado; é toda Lisboa o deve ser todo o país que se congratula pela manifestação de talento do nosso compatriota, cujo nome irá por sem duvida acreditar-nos no estrangeiro.



## POR AHI...

O lisboeta é a creatura de genio mais accommodavel que Deus deitou a este mundo.

Os seus espantos, as suas surpresas, os seus enthusiasmos, são como as cannas dos foguetes, que sobem n'uma guinada vertiginosa, assim a modo de quem vae passar a noite fora da circumvalação do infinito, para d'ahi a um instante cairem outra vez na terra d'onde partiram, ficando-se para ali estateladas na eterna immobilidade das pannaes cadavericas!

Ao primeiro acontecimento fóra do vulgar, o lisboeta abre os braços n'um gesto de exclamação, abre os olhos n'um movimento de espanto, abre a bocca n'um grito de surpresa.

Ao segundo acontecimento, porém, deixa ficar os braços pendentes, abrindo apenas os olhos e a bocca.

Ao terceiro já não abre senão os olhos.

E d'ahi por deante podem passar carros e carretas de acontecimentos, que o não farão abrir coisa nenhuma...

Ora o lisboeta está presentemente saturado de acontecimentos de sensação.

Em menos d'um mez, vejam que enormidade d'elles:

A tragedia na agua; a tragedia no fogo; o drama da navalha de barba, em que um Coelho esteve para morrer degolado, processo este inteiramente novo nos annaes do coelhicidio, mas que não nos parece lá muito seguro, visto que o alludido Coelho ainda vive, mesmo crivado de navalhadas, ao passo que os seus collegas da Porcálhota esticam immediatamente o pernil á primeira cacheirada que levam nas orelhas...

Além d'isto, o lisboeta teve mais: a pantomima da dissolução das camaras e a tragi-comedia dos cães damnados.

Com o genio accommodavel que lhe é proprio, costumou-se facilmente a esta ordem de espectaculos e hoje já não quer para seu uso ordinario senão coisas verdadeiramente extraordinarias!

Que Deus tenha compaixão d'um pobre chroista, acudindo-nos ao menos com o recurso d'um diluviosinho universal duas vezes por semana...

O *Diario Popular* escreve um longo artigo chamando a attenção do sr. governador civil, a quem pede providencias immediatas, contra o facto *repugnante e perigoso* de andarem as ovarinas, os catraeiros e os vendedores de jornaes descalços por essas ruas!

Se não estivessemos nas proximidades do entrudo, o que nos traz a desconfiança de que aquelle artigo é naturalmente uma arriosa para empulhar o sr. governador civil, acreditaríamos então que o *Popular* ia abrir loja de sapateiro e que esse artigo era o inicial d'uma grande serie de reclamos á americana.

Se o sr. governador civil dá ouvidos ao *Popular* e obriga effectivamente as ovarinas os catraeiros e os vendedores de jornaes a andarem de pésinho afiambado, não tardará que algum jornal tome tambem o partido dos chapelleiros pedindo o uso obrigatorio do chapéu alto para aquellas classes sociaes, e venha depois outra folha defendendo os interesses dos alfaiates solicitar a imposição da casaca, e appareça ainda um periodico patrono dos luveiros exigindo a adopção da luva branca, e surja mais outro diario a apadrinhar o desenvolvimento da rouparia branca instando pela

obrigação da camisa de linho e do lenço de cambraia. De forma que, d'aqui por alguns tempos, a criada que vier á porta, dando de cara com um cavalheiro e uma senhora no requinte da *toilette*, ficará em duvida se serão os viscondes que veem para o *five o'clock tea* ou se é o distribuidor do *Diario de Noticias* mais a fregueza do carapau.

E, já que fallámos em carapau, vem a proposito consignar aqui que, ás horas a que nós escrevemos estas linhas, está o partido progressista reunido na casa do antigo centro do referido carapau, procedendo á sessão solemne da inauguração do retrato do seu antigo chefe.

O que ha de curioso n'essa inauguração é ser ella feita n'uma casa tomada de emprestimo, pela razão de não ter a actual sala do centro progressista dimensões que comportem todos os correligionarios, os quaes ao presente—como o partido está no poder—são em força triplicada.

De forma que o retrato é solememente inaugurado no magestoso salão da rua do Alecrim, sendo em seguida transportado ás modestas costas d'um gallego para a saleta igualmente modesta da Praça de Luiz de Camões!

Esta ideia de convidar o partido para uma reunião na casa alheia faz-nos lembrar o Pedro que convidou o Paulo para ceiar em casa do Narciso...

As folhas governamentais dizem nos seus artigos de fundo que a divida fluctuante era em 31 de dezembro d'um dado numero de contos de réis, e provam-o com a argumentação irrefutavel dos algarismos.

As folhas da opposição sustentam que o numero de contos de réis era muito outro, e provam-o tambem com a mesma argumentação irrefutavel dos algarismos!

D'aqui concluimos nós que opposição e governo observam as contas um d'um lado outro do outro, do que resulta que onde este lê 66, lê aquelle 99.

Para que não torne a levantar-se duvida sobre a divida, aconselhamos o sr. ministro da fazenda a que arrange as contas do thesoiro em parcelas de 69, por ser um numero que tem o mesmo aspecto quer visto dos pés, quer encarado da cabeça...

D'esta fórma, governo e opposição chegarão finalmente a um accordo—o que não surprehenderá visto tratar-se de uma coisa que não tem pés nem cabeça...

Os Fernandes teem dado que fallar n'estes ultimos tempos.

No curto espaço d'um semestre andaram na berra os dois Fernandes socios da rua da Trombeta, o Fernandes Coelho socio do Olympio, o Fernandes associado á invenção das excellentes escadas que não apparecem nos fogos e o Fernandes commendador socio do commendador Amorim!

Agora apparece mais uma senhora Fernandes que foi mordida por um cão damnado em pleno camarote do theatro de S. Carlos.

Não se dá um caso novo, original, extraordinario, em que o Fernandes não seja parte obrigada.

Até parece impossivel como o Burnay ainda se não lembrou de utilizar o palacio de crystal do Porto para fazer alli uma grande exposição de Fernandes!

Segundo uma nota estatistica que temos presente



foi de 520 contos de réis a importação de aduellas em Portugal durante o anno proximo findo.

Se a estatistica não erra,  
Venha um sabio e a razão dê-nos  
De inda haver quem n'esta terra  
Tenha *aduellas de menos*...

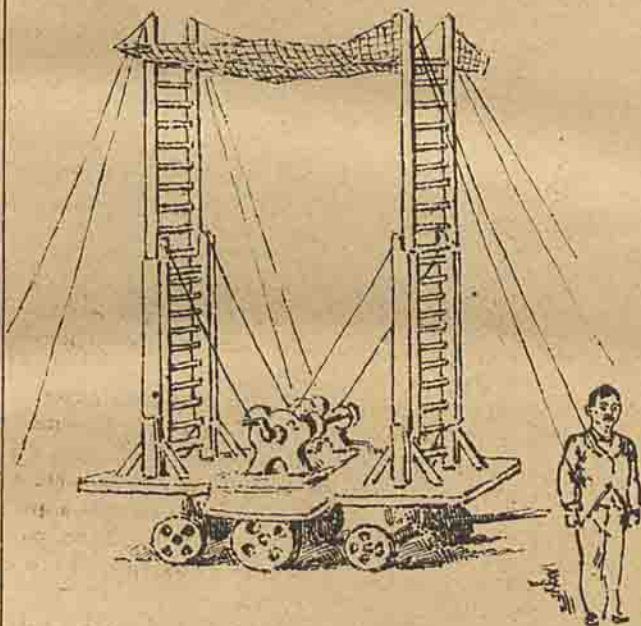
Um boticario chamado José Joaquim Rei foi condemnado no 2.º districto criminal por falsificar as marcas d'alguns fabricantes francezes.

Em vista d'esta resolução do tribunal parece que o sr. Fontes se vac naturalisar cidadão francez, afim de poder relaxar ao Firmino o sr. ministro da fazenda, que tambem lhe falsificou a marca na celebre questão dos titulos falsos.

Confia elle e com razão que o tribunal não deixará de condemnar o ministro, que é pharmaceutico na inactividade, depois de ter condemnado um *Rei* que é a mesma coisa em activo serviço...

PAN-TARANTULA.

## O NOVO APPARELHO SALVA-VIDAS



Apresentamos o desenho do novo aparelho salva-vidas, invenção do sr. Raymundo Paes Vieira e que nos parece d'uma grande simplicidade de construção alliada a uma grande utilidade pratica.

## ESPECTACULOS

O *Hamlet*, representado ante-hontem no theatro de D. Maria, com um exito justificadamente enorme, deixou por certo uma funda impressão, como que um estonteamento no espirito da parcella feliz de Lisboa que conseguira obter logar para a festa d'aquella noite.

A grande obra do ainda maior Shakspeare, cuidadosamente transportada para portuguez por José Antonio de Freitas n'um esmero de trabalho que mais afirma o merecimento já provado d'aquelle erudito escriptor; a grande obra de Shakspeare é um trabalho de tal peso que o espectador sae do theatro com o espirito verdadeiramente empanturrado!

Ao nosso publico, costumado como anda a uns dramatinhos leves, de facil digestão intellectual, aquelle *Hamlet* magestoso produz a fadiga que causaria a qualquer janota da Avenida substituirem-lhe a elegante farpella de cheviote por uma d'aquellas armaduras de aço de que antigamente se vestiam guerreiros de carne e osso e de que actualmente só se vestem paredes de pedra e cal.

O simples dialogo da tragedia basta por si só, no rendilhado estranho de que a meudo se compõe, para deixar o animo do espectador em sobresalto e o ouvido duvidoso sobre a authenticidade das phrases proferidas.

Assim, por exemplo, o nosso visinho da esquerda, perguntava-nos muito intrigado e como que receiosos de praticar uma inconveniencia:

— O que diabo está elle dizendo á rapariga?...

Era um personagem que aconselhára á formosa Ophelia:

— Fica na rectaguarda do teu affecto...

D'ahi a pouco era o visinho da direita que nos fazia igual interpeção, ouvindo aconselhar ainda á mesma Ophelia:

— Não dês lingua aos teus pensamentos!...

Em S. Carlos tivemos como em Maria, outra gloria nacional, se bem que por motivo diametralmente opposto.

Em D. Maria deu-se uma peça estrangeira de primeira ordem representada por artistas portuguezes.

Em S. Carlos cantou-se uma peça portugueza interpretada por artistas estrangeiros.

Gloria em toda a linha!

Que a opera de Machado é trabalho de valia e que foi magistralmente cantada, já o leitor sabe perfeitamente pelos échos dos vastidores reprecitados em toda a imprensa.

O publico festejou com o ruido entusiastico dos bravos espontancos e das luvax estoiradas o maestro, os cantores, a empresa, todos!

Valdez, trazendo o microscopio Machado á scena—o que lhe dava o aspecto d'um porta-machado—agradecia commovido a ovação, apontando modestamente para o Machado, para os cantores, para a orchestra, para o maestro, para as bailarinas, assim como quem diz:



— Não fui eu que compuz, nem cantei, nem toquei, nem cusaici, nem dancei!

Entretanto elle fizera mais de que tudo isso, por que fóra elle que puzera a opera em scena.



# THEATRO D. MARIA

A FESTA DE EDUARDO BRAZÃO REPRESENTAÇÃO DO HAMLET



APPARECERAM-SE LO PINHEIRO

Compreendendo e executando, como compreendeu e executou Eduardo Brazão ergueu-se o mais alto a que pode aspirar a ambição d'esse personagem grandioso tem constituído o sonho dourado d'um ambicioso, que vem n'elle e com razão a suprema gloria que pode alcançar. Brazão soube bem, pelo seu talento e pelo seu esforço, conquistar essa gloria poucos conseguida! O nosso applauso e os nossos parabens.

Rosa Damasceno foi d'uma correcção e d'um mimo inexecdível e de uma voz dos labios suave e perfumada como as flores dispersas que caem da mossa louca. Deliciosa e correctissima.

Ordinario papel de Hamlet. de artista. A interpretação de gerações de artistas notavel e de vocação dramatica. E Brazão soube bem, pelo seu talento e pelo seu esforço, conquistar essa gloria poucos conseguida! O nosso applauso e os nossos parabens.

Ophelia; a palavra brota naturalmente a cabeça da forma

Augusto Rosa, um Labrte primoroso em toda a extensão da palavra, desde a figura gentilissima até a dicção, ora violenta como o cyclone do deserto, ora apaixonada e sussurrante como as brisas da madrugada.

João Rosa, o artista superior que todos nós conhecemos, desempenhou o papel de Claudio pela forma correcta com que sempre desempenha os personagens superiores.

Antonio Pedro, no pequeno mas importantissimo papel de cozeiro, foi enorme de talento. Todos os mais artistas excellentemente.

Manini, finalmente, esse artista cujo nome anda hoje ligado a todos os exitos scenographicos dos nossos theatros, conquistou em algumas scenas do Hamlet mais um titulo a nossa admiração e ao nosso entusiasmo.



Contra o que é uso succeder em todos os concertos de entradas pagas, esteve concorridíssima a festa d'aquelle genero realisada na segunda feira no salão da Trindade.

N'esse concerto deu-se um phenomeno ainda não observado na vasta lista de todos os concertos.

Além do programma ser cumprido com toda a sua integridade, cantou-se ainda mais um trecho que não estava annunciado, assim á laia da *crescença* com que os leiteirss costumavam antigamente obsequiar os seus freguezes.

Coino pretexto para essa *crescença*, fingiram que se tinha perdido a chave do piano no momento em que o sr. Vidal ia cantar a *area das Vesperas*, o que obrigou o illustre baixo andar d'um lado para o outro, cantando a celebre modinha brasileira: *quê dê as chaves*,



cantata a que se associaram todos os espectadores, produzindo um orpheon de effeito magestoso.

Na vespera de concerto a que anteriormente nos referimos houvera no mesmo salão outro concerto dado pela Real Associação dos Amadores de Musica, ao qual assistiu, como é uso, toda Lisboa, metade lá dentro e a outra metade é porta da rua.

Tomaram parte n'este concerto varios amadores já anteriormente festejados em muitos outros.

A fanfarrá tocou brilhantemente,

O distincto anador Antonio Horta Ennes tocou cornetim ainda com mais perfeição de que o sr. Anto-



nio Ennes, sem Horta, costuma tocar *rebeca* na pessoa dos adversarios politicos.

Todos os espectadores assistiram como é costume satisfeitissimos, excepto um sujeito gordo que nos ficou perto e que se lastimava desde o 2.º numero do programma por não poder sair, visto achar-se entalado n'um grupo de senhoras.

O pobre homem suava frio, tingia-se de vermelho como uma beterraba, crusava as pernas n'um estreme-cimento nervoso e não fazia senão consultar o programma, murmurando n'uma grande afflicção:

— Ai! Jesus! que ainda faltam doze numeros! Tomara já pilhar-me no n.º 14...

Fomos ver o que indicava esse numero—era a *Re-traite autrichienne*.

PAN-TARANTULA.

## CASOS, TYPOS E COSTUMES O CÃO DAMNADO

Venancio commenta  
E a esposa deplora  
Do primo Fernando  
A extranha demora.



N'isto entra Fernando,  
Gritando apressado  
Que atraz d'elle, aos saltos,  
Um cão vem damnado!



Foge ella co'o primo,  
D'horror meia morta,  
Venancio n'um pulo  
Atira-se á porta!



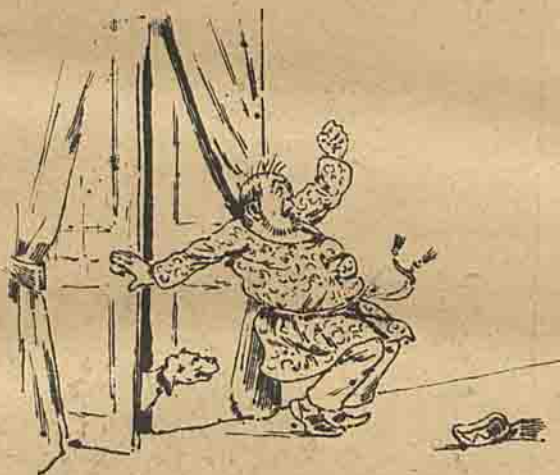




Mas n'isto Venancio  
Tem tal commoção...  
Por pouco não deixa  
Entrar d'entro o cão...



E ao primo, co'a prima  
No quarto mettido,  
Não lembra decerto  
Nem cão nem marido...



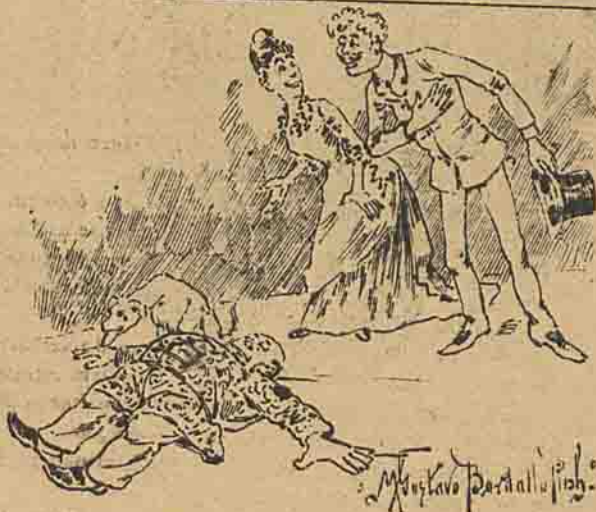
E a prima murmura,  
Com beijos a rodo :  
Deus queira que o cão  
Não entre de todo...



Venancio, de dentro,  
Um beijo ouve em cheio...  
A porta entreabre-se  
E o cão entra meio...



Venancio afinal  
Entrar deixa o cão  
Que fica mansinho  
Lambendô-lbe a mão!



E o primo dizia :  
— Pois não percebeu?...  
Quem estava damnado,  
Priminha, era eu...



## O ULTIMO ACTO DO HAMLET



RAFAEL BORRALHO PINHEIRO

— Pobre Yorick!... Quantas vezes me levou ás cabritas para as eleições!... Onde estão agora os teus sarcasmos, as tuas replicas... Vae, entra como agora estás na alcova do ministerio, diz-lhe então que arrebique, enfeites e carneiro com batatas nas eleições nada lhe valem, porque um dia será egual a ti...